

Em Tempo Pascal..... a alegria de Cristo Ressuscitado

ORAÇÃO INICIAL

Senhor Jesus,
há tanta gente que Te procura à pressa e Te quer ver.
Mas, quando dizem que Te querem ver,
não é para Te conhecer.
É o teu rosto, a cor dos teus olhos e cabelos,
a tez da tua pele, a tua forma de vestir que os atraí e contagia.
Querem ver-te como se fosse numa fotografia.

Mas Tu, Senhor Jesus Ressuscitado,
quando Te dás a conhecer a nós,
não mostras o rosto,
uma fotografia,
o cartão de cidadão.
Se fosse assim,
mal seria que os teus amigos Te não reconhecessem.

E o facto é que,
quando surges no meio deles,
não Te reconhecem.
E em vez do rosto,
são, afinal, as mãos e o lado que apresentas.
Entenda-se: é a tua maneira de viver que nos queres fazer ver.
Na verdade, a tua identidade é dar a vida,
é dar a mão e o coração.
É essa a tua lição, a tua paixão, a tua ressurreição.

Senhor, dá-nos sempre desse pão!

D. António Couto

Temos um Papa que crê no Evangelho

É um facto que, na Igreja Católica, há pessoas muito religiosas, especialmente entre o clero, que não concordam com o Papa que temos. Não estou a pensar em analisar aqui esta questão. O que pretendo, neste breve texto, é simplesmente indicar por que a cada dia que passa eu vejo mais claramente que, finalmente, temos na Igreja um Papa que crê no Evangelho de Jesus de Nazaré.

Não estou a querer dizer, de forma alguma, que os Papas anteriores não creram no Evangelho. Claro que acreditaram. Quando falamos do Evangelho, o que acontece é que acreditar no Evangelho e viver como o Evangelho diz que devemos viver, não é a mesma coisa. Aqui tocamos no ponto crucial do problema. E este é a ponto chave de todo esse assunto.

Eu li - e reli - o discurso que o Papa Francisco pronunciou em Roma, diante de mais de 3.000 participantes de 60 países, que representavam os movimentos populares de todo o mundo (*sobre o discurso do Papa Francisco, proferido recentemente no 3º Encontro Mundial de Movimentos*

Populares, realizado em Roma – 5 de novembro de 2016). Pois bem, o que mais me chamou a atenção ao ler este discurso papal, foi o facto de ele não falar de Teologia ou Exegese Bíblica, nem Doutrina Social da Igreja, nem de ciências políticas ou sociais, nem dos ensinamentos do Magistério Eclesiástico, nem da Soteriologia, Escatologia, Cristologia ou Eclesiologia, nem da Modernidade ou Pós-Modernidade, nem de qualquer uma dessas coisas com as quais a cabeça dos pensadores mais sisudos do saber cristão é aquecida, diariamente. Nada disso, aparentemente, interessa como prioridade ao **Papa Francisco**.

Então, o que é que interessa a este Papa quando se vê diante daqueles que representam as pessoas mais necessitadas deste mundo? Bem, ou eu sou cego (ou não sei qual estranha paixão me cega), ou o que preocupa e angustia o Papa Francisco é exatamente, nem mais nem menos do que a mesma coisa que preocupou e apaixonou Jesus de Nazaré. O quê? O que é isso?

Se há alguma coisa clara nos Evangelhos, é que o centro das preocupações de Jesus foi Deus. Mas a centralidade proposta pelos Evangelhos não está só nisso. O centro está no como devemos buscar e encontrar Deus. Agora, está claro no Evangelho que Deus não é encontrado primordialmente na "observância da religião", mas na "luta contra o sofrimento humano."

Por isso o Papa não falou, com tanta veemência, das grandes temáticas teológicas e morais das quais vinham falando os outros Papas, desde **Leão XIII** até **Bento XVI**. Nada disso. O que **Francisco** fez, no seu discurso, foi tomar diretamente a mesma atitude que Jesus tomou. Assim que começou a anunciar o Reino de Deus, o que é que Ele (Jesus) fez? Pôs-se a curar os doentes, a aliviar dores, a acolher pessoas desamparadas, a comer com e junto dos famintos... sem levar em consideração se essas curas e refeições com pessoas desviadas e de má reputação, eram permitidas ou proibidas pela religião.

Sem dúvida alguma, a Igreja deve mudar. Mas estará já claro sobre que mudança a Igreja precisa? O problema não é mudar os cargos e dicastérios (departamentos) da Cúria Romana. O problema não está sequer nas afirmações do **Vaticano** sobre a importância vital do Evangelho, coisa que já fez tantas outras vezes. Tudo isso pode ficar em um mero palavreado vazio. O problema central e decisivo da Igreja está em colocar os seus impulsos vitais e a sua presença na sociedade e nos homens para viverem como Jesus viveu.

A fórmula determinante já foi formulada pelo Papa **Francisco** com brevidade e precisão: "falamos sobre a necessidade de uma mudança para que a vida seja digna". A "dignidade da vida". É nisto que reside o centro da religiosidade, pelo qual a Igreja se deve dedicar e lutar. E é sobre este projeto que se deve refazer a Teologia. Uma Teologia menos interessada por problemas como o pecado (sabermos o que é?) ou a salvação eterna entre outros.

Centrada, sobretudo, em:

1. Colocar a economia ao serviço dos homens e das mulheres;
2. Construir a paz e a justiça;
3. Defender a Mãe Terra.

Só assim poderemos ter Bispos preocupados para além dos problemas relacionados com a sexualidade e a homossexualidade. Bispos que, com tantos escândalos de abuso clerical às pessoas inocentes, começam a desviar o rosto. Só assim teremos Bispos mais interessados e dedicados ao enfrentamento, se necessário, aos governantes que favorecem os ricos, enquanto esses governantes tão "piedosos" ditam leis que aumentam a distância entre os poderosos e os fracos. E, sobretudo, se isso for levado a sério, com todas as suas consequências, teremos uma igreja que não está de costas voltadas para o povo, mas que surge a partir do povo. Não para os pobres, mas a partir dos pobres.

Nunca devemos esquecer uma questão que é decisiva: somente uma Igreja assim, estará capacitada para conhecer a Cristologia e, portanto, para inteirar-se de quem é Jesus, como se vive o cristianismo e como se anuncia o **Evangelho**. E porquê? Esta pergunta é respondida com uma outra questão, que é mais assustadora: como é que os primeiros discípulos conheceram Jesus? Não o conheceram estudando Cristologia ou Teologia, mas vivendo com ele e como ele. Deste assunto tão decisivo, a Igreja, os seminários, os teólogos, os Bispos e os Papas parece que não se deram conta.

No dia em que esta questão for realmente abordada, nesse mesmo dia a Igreja começará a fazer muito mais sentido e a dar sentido à vida das pessoas. E é justamente isso o que o atual **Papa Francisco** começou, com suas ocorrências "chamativas" e originalidades. Por esses motivos podemos dizer que temos um Papa que crê no **Evangelho**.

Religião Digital – 2017

José Maria Castillo (texto adaptado)

NOS PAÍSES CRISTÃOS, A RELIGIÃO ESTÁ MAIS PRESENTE QUE O EVANGELHO

Religião e Evangelho geram interesses opostos. A religião atrai "capital" e "poder", enquanto o Evangelho se identifica com o sofrimento dos "pobres" e dos "doentes".

Ao escrever as minhas "Memórias", percebi que, há muitos séculos e sem ver a importância deste assunto, a verdade é que, nos países reconhecidos como "cristãos", está mais presente e mais decisiva a religião do que o Evangelho.

Não estou a exagerar. Eu nem consigo tirar as coisas do lugar. O problema é que muitas pessoas não conseguem nem pensar nisso. Pela simples razão de que, para essas pessoas (que são muitas, muitas...), Religião e Evangelho são duas palavras e dois factos, que se referem à mesma coisa. Afinal, para quem pensa assim, o Evangelho é um dos elementos da Religião. É por isso que, no ato religioso mais importante (a missa), as pessoas que assistem a esse ato, quando o Evangelho é lido, se levantam. Segundo os sacerdotes da Religião, o Evangelho é o evento litúrgico que mais merece respeito.

Mas acontece que quem vê assim as coisas da Igreja não percebe a enorme contradição que existe em tudo isso. Que contradição? Muito simples: o Evangelho (ou os quatro Evangelhos) são uma compilação de passagens em jeito de catequese em que o argumento central e determinante é um confronto, que termina em conflito. Um conflito mortal. O conflito de Jesus – centro e eixo do Evangelho – com a Religião.

Com efeito, se Jesus de Nazaré se chocou com alguém, foi precisamente com os "homens de religião" e as suas instituições: o templo, os sacerdotes, os ritos, as leis litúrgicas, os fariseus, fiéis observadores dos regulamentos religiosos. Um confronto que chegou ao conflito mortal. Quando Jesus trouxe Lázaro de volta à vida (Jo 11,41-44), o Sinédrio (órgão supremo da religião) viu que eles tinham de matar Jesus (Jo 11,53). E foram dadas as condições que os Romanos ocupantes de Israel desejavam.

Ficou claro neste e outros episódios evangélicos, que Religião e Evangelho são incompatíveis. O Sinédrio condenou Jesus à morte. Qual a incompatibilidade? Religião e Evangelho geram interesses opostos. A religião atrai "capital" e "poder", enquanto o Evangelho se identifica com o sofrimento dos "pobres" e dos "doentes". Santo Ambrósio foi feito bispo de Milão quando era catecúmeno (não foi sequer batizado). Ele era um homem rico, piedoso e poderoso. E era comum, no tempo de Ambrósio e séculos seguintes, escolher para bispos aqueles que tinham dinheiro e poder, mesmo que não fossem batizados (Peter Brown, *Através do buraco de uma agulha*, Cliff, 2016).

Assim, o papado e sua teologia se convenceram de que a Igreja possuía a riqueza e o poder concedidos pela "plenitudo potestatis", que possibilitou o colonialismo da Europa em quase todo o mundo. Por exemplo, em 1454, o Papa Nicolau V deu ao rei de Portugal, Henrique IV de Castela, todos os reinos da África. E, além disso, fez de todos os habitantes daquele continente "escravos" do rei (Bullarium Rom. Pont., vol. V, pág. 113).

Mas nem tudo tem sido negativo na Igreja. Felizmente! A Igreja preservou e transmitiu-nos o Evangelho, que traz a este mundo, o que é mais decisivo que dinheiro e poder. A Igreja tornou possível que a sedução e o poder do Evangelho nos alcançassem. Neste momento, a cultura que se impõe não é a do "poder opressor", mas a do "poder sedutor". A "horizontalidade" derrota a "verticalidade" (Peter Sloterdijk). Sem a Igreja, nunca teríamos conhecido e preservado os textos dos 4 Evangelhos.

Por isso, a tarefa urgente da Igreja, neste momento, consiste em perceber que a maior loucura que cometeu na sua já longa história, foi fundir e confundir o Evangelho com a Religião. São Francisco de Assis foi o maior homem que a Igreja já teve porque percebeu esse absurdo. E ele deu-lhe (à Igreja) o remédio que ele poderia dar. São Francisco de Assis não se concentrou em ortodoxias e autoritarismos, mas na exemplaridade do Evangelho.

Religião Digital - 06.07.2021

José Maria Castillo (texto adaptado)

RELIGIÃO OU EVANGELHO?

Ouvi dizer um dia destes que as autoridades da Igreja espanhola estão a conseguir impor, nos planos de estudos, a disciplina de Religião como disciplina obrigatória. Pergunto-me sobre qual a razão para não terem optado antes por aulas sobre o Evangelho.

Digo isto porque, em primeiro lugar, com a Religião, como a maioria das pessoas a vê e vive, acho que não vamos a lugar nenhum. Além disso, sabe-se (com bastante segurança) que quase todos os alunos, quando chegam aos 12 ou 13 anos, cortam com a disciplina de Religião.

Assim, embora continuem a frequentar as aulas de Religião, a verdade é que não assimilam os seus conteúdos. Não porque os professores sejam incompetentes ou os livros didáticos estejam mal escritos. O problema é que o conteúdo desses livros cedo deixa de interessar, principalmente aos adolescentes e jovens.

Como é possível, então, que os nossos bispos ainda não tenham ouvido falar disso? E se descobriram, por que se continuam a agarrar, errados ou errados, repetindo o fracasso, ano após ano, como se com a obrigatoriedade da aula de Religião, as novas gerações fossem mais crentes e mais praticantes? Uma reserva: sei de professores que são excelentes nestas aulas, mas, para isso, têm de modificar o conteúdo dos manuais. Será que, ao continuarem assim, os nossos prelados ficam mais tranquilos, pensando que estão a cumprir o seu dever? Não deveríamos encontrar outra solução para toda essa questão?

A minha proposta não é mudar o nome do assunto-base dessas aulas. Isso seria de um simplismo muito ingénuo. O que vou propor ou estou aqui a propor é muito mais profundo. Vou tentar explicar.

Vou direto ao essencial da questão. Jesus de Nazaré não fundou nenhuma religião. Foi odiado, perseguido e morto pela Religião. Por isso nunca iria fundar uma Religião; foi rejeitado como criminoso pelos "doutores da lei" e "sumos sacerdotes" da Religião. E é claro que, na cultura do Império, em Roma ou fora dela, ao falar de Religião, o que menos importava eram os "deuses" em que acreditavam ou os ritos com que eram cultuados. Em Atenas, chegaram a erguer na rua um altar ao "deus desconhecido" (At 17, 23). E isso porque, no mundo romano do primeiro século, ninguém pensava que religião e política pudessem ser separadas (W. Carter). Desde – claro – que a Religião estivesse a serviço da política (Rm 13, 1-2; Josefo, Ant. 20, 251).

No caso em análise – Jesus e a Religião judaica -, a questão capital é a seguinte: que perigo ou que ameaça a Religião (e os políticos) viram nos ensinamentos e conduta de Jesus de Nazaré? A resposta é muito simples: Jesus colocou a saúde e a vida das pessoas antes da submissão à Religião. Nisto reside todo o conflito entre Jesus e os líderes religiosos. E foi, exatamente por isso, que acabou pendurado numa cruz ao lado de dois "subversivos". (Mc 15, 27 par; cf. H.-W. Kuhn: TRE 19.717).

Quando Jesus chamou os seus discípulos e apóstolos, não perguntou a nenhum deles: "acreditais em mim?" A ninguém, disse: "acreditai em mim" sem mais. A proposta e a exigência de Jesus resumiram-se a uma única palavra: "Segue-me". Assim aconteceu, desde a chamada aos discípulos do Batista (Jo 1,43), até a última palavra que Jesus disse a Pedro. "Segue-me" (σύ μοι ακολούθει) (Jo 21, 22). A mesma coisa disse aos pescadores do lago (Mc 1, 16-20 até), a Levi/Mateus o publicano (Mc 2, 14) e ao jovem rico (Mc 10, 21).

Esta chamada é um enigma e um mistério. Jesus não explica porque chama, nem porque chama este ou aquele. Não apresentou desde o início um programa de vida, um objetivo, um ideal.

Absolutamente nada. Mas é claro: quando impõe condições, é franco: não tolera acumulação de dinheiro (Mc 10, 21 par), nem que estejam prioritariamente preocupados com o seu bem-estar. Dá mesmo o exemplo, dos bichos do campo, fala na não prioridade de enterrar o próprio pai (Mt 8, 18-22), ou de se despedirem da própria família (Lc 9, 61-62). Sabemos todos muito bem que o seguimento de Jesus implica "carregar uma cruz de vida" e fazer o próprio destino de Jesus (Mt 16 24 par). É que "o chamado é o próprio Jesus" (D. Bonhoeffer, *Nachfolge*, München 1982, 28).

Mas, tudo isso não é loucura e tolice?

Sim parece ser, porque se trata de abdicar do que mais valorizamos na vida - a própria segurança.

Mas não é um sim absoluto e injustificado. A segurança está no próprio Jesus e na sua vida feita na estrita vontade do Pai, do "Abba". Fica claro, pois, em última análise, que o centro do Cristianismo não está na Religião nem exclusivamente na Fé. Tudo está na humanidade dos comportamentos, na ética, na conduta de quem existe para os outros. Não existimos para o "eu", mas para o "nós".

Isto é algo que a condição humana não dá de si mesma. O talento de Kant dizia claramente: "A nossa vivência deve ser tal que não se possa pensar que não haja além" (*Gesammelte Schriften* VII, 40). Somente uma espiritualidade que, em última análise, se refira ao Transcendente, justifica tal comportamento. Se permanecermos na imanência, na nossa condição humana limitada, deparamo-nos, sempre, com a desumanização que nos caracteriza.

Religião ou Evangelho?

Se a Igreja, ao invés de se interessar tanto em educar crianças e jovens como "religiosos", os educasse como "pessoas honestas", sem fissuras humanas e plenamente voltadas para o exercício do serviço aos outros, teríamos um país com menos "profissionais de religião", mas cheio de "cristãos", seguidores do Cristo, esse mesmo, o relatado nos Evangelhos.

Religião Digital 29.03.2018

José Maria Castillo (texto adaptado)

José Maria Castillo, nascido em 1929 em Granada, foi jesuíta durante mais de 50 anos. Doutor em Teologia Dogmática pela Universidade Gregoriana de Roma, foi professor da mesma disciplina na Faculdade de Teologia de Granada. Há mais de trinta anos publica temas de Teologia Popular

DOMINGO III da Páscoa – 01.05.2022

LEITURA I – Actos 5,27b-32.40b-41

Entre 2,1 e 8,3, o Livro dos Actos apresenta o testemunho da Igreja de Jerusalém acerca de Jesus. Os comentadores costumam chamar aos capítulos 3-5 a "secção do nome", pois eles incidem no anúncio do "nome" de Jesus (cf. Act 3,6.16;4,7.10.12.30;5,28.41), isto é, do próprio Jesus (o "nome" era uma apelação com que os judeus designavam o próprio Deus; designar Jesus dessa forma equivalia a dizer que Ele era "o Senhor"). Esse anúncio, feito em condições de extrema dificuldade (por causa da oposição dos líderes judeus), é, sobretudo, obra dos apóstolos.

No texto que nos é proposto, apresenta-se o testemunho de Pedro e dos outros apóstolos acerca de Jesus. Presos e miraculosamente libertados (cf. Act 5,17-19), os apóstolos voltaram ao Templo para dar testemunho de Cristo ressuscitado (cf. Act 5,20-25). De novo presos, conduzidos à presença da suprema autoridade religiosa da nação (o Sinédrio) e formalmente proibidos de dar testemunho de Jesus, os apóstolos responderam apresentando um resumo do kerigma primitivo. *in Dehonianos*

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura dos Atos dos Apóstolos ///
Cuidar da intensidade das pausas!	
Ler o <u>sublinhado</u> em tom diferente. No <i>itálico</i> preparar o discurso que se segue. Ler o <i>itálico</i> em tom de discurso direto.	<u>Naqueles dias,</u> / o sumo sacerdote falou aos Apóstolos, <i>dizendo:</i> // <i>«Já vos proibimos formalmente / de ensinar em nome de Jesus; //</i> <i>e vós encheis Jerusalém com a vossa doutrina / e quereis fazer recair sobre nós o sangue desse homem».</i> /// Pedro e os Apóstolos responderam: // «Deve obedecer-se antes a Deus que aos homens. // O Deus dos nossos pais ressuscitou Jesus, / <i>a quem vós destes a morte,</i> suspendendo-O no madeiro. // Deus exaltou-O pelo seu poder, <u>como Chefe e Salvador,</u> / a fim de conceder a Israel / o arrependimento e o perdão dos pecados. // E nós somos testemunhas destes factos, / <i>nós e o Espírito Santo /</i> <i>que Deus tem concedido àqueles que Lhe obedecem».</i> /// Então os judeus mandaram açoitar os Apóstolos, / intimando-os a não falarem no nome de Jesus, / e depois soltaram-nos. // Os Apóstolos saíram da presença do Sinédrio cheios de alegria, / por terem merecido serem ultrajados / por causa do nome de Jesus. ///
Valorizar o negrito – ideia-chave do texto. Ler o <i>itálico</i> com ênfase. Ler em tom diferente o <u>sublinhado</u> . Valorizar o negrito ! Valorizar expressivamente o <i>itálico</i> .	
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor

Para reflectir e actualizar a Palavra:

A proposta de Jesus é uma proposta libertadora, que não se compadece nem pactua com esquemas egoístas, injustos, opressores. É uma mensagem questionante, transformadora, revolucionária, que põe em causa tudo o que gera injustiça, morte, opressão; por isso, é uma proposta que é rejeitada e combatida por aqueles que dominam o mundo e que oprimem os débeis e os pobres. Isto explica bem porque é que o testemunho sobre Jesus (se é coerente e verdadeiro) não é um caminho fácil de glória, de aplausos, de honras, de popularidade, mas um caminho de cruz. Não temos, portanto, que nos admirar se a mensagem que propomos e o testemunho que damos não encontram eco entre os que dominam o mundo; temos é de nos questionar e de nos inquietar se não somos importunados por aqueles que oprimem e que escravizam os irmãos: isso quererá dizer que o nosso testemunho não é coerente com a proposta de Jesus.

Qual a nossa atitude, em concreto, diante daqueles que “assassinam” a proposta de Jesus e que constroem um mundo de onde a lógica de Deus está ausente: é de medo, de fraqueza, de submissão, ou de denúncia firme, corajosa e desassombrada? Para nós, o que é mais importante: obedecer a Deus ou aos homens? *in Dehonianos*

DOMINGO III da Páscoa – 01.05.2022

LEITURA II – Ap 5,11-14

A segunda parte do Livro do Apocalipse (cap. 4-22) apresenta-nos aquilo que poderíamos chamar “uma leitura profética da história”: o autor vai apresentar a história humana numa perspectiva de esperança, demonstrando aos cristãos perseguidos pelo império que não há nada a temer pois a vitória final será de Deus e dos que se mantiverem fiéis aos projectos de Deus.

O texto que nos é proposto faz parte da visão inicial, onde o “profeta” João nos apresenta as personagens centrais que vão intervir na história humana: Deus, transcendente e onipotente, sentado no seu trono, rodeado pelo Povo de Deus e por toda a criação (cf. Ap 4,1-11); depois, o “livro” onde, simbolicamente, está o desígnio de Deus acerca da humanidade (cf. Ap 5,1-4); finalmente, é-nos apresentado “o cordeiro” (Jesus), aquele que detém a totalidade do poder (“sete cornos”) e do conhecimento (“sete olhos”); só ele é digno de ler o livro (ou seja, de revelar, de proclamar, de concretizar para os homens o projecto divino de salvação. *in Dehonianos*

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura do Livro do Apocalipse ///
Tom solene e litúrgico!	
Valorizar o João e ler em tom diferente o <i>itálico</i> .	Eu, João , na visão que tive, / ouvi a voz de muitos Anjos, / que estavam em volta do trono, / dos Seres Vivos e dos Anciãos. //
Ler bem miRíades !	Eram miríades de miríades e milhares de milhares, / que diziam em voz alta: //
Ler os <i>itálicos</i> em tom solene!	«Digno é o Cordeiro que foi imolado / de receber o poder e a riqueza, a sabedoria e a força, / a honra, a glória e o louvor». //
	E ouvi todas as criaturas / que há no céu, na terra, debaixo da terra e no mar, / e o universo inteiro, exclamarem: // «Aquele que está sentado no trono e ao Cordeiro / o louvor e a honra, a glória e o poder / pelos séculos dos séculos». //
	Os quatro Seres Vivos diziam: « <i>Ámen!</i> »; / e os Anciãos prostraram-se em adoração. ///
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor

A reflexão desta leitura pode prolongar-se a partir das seguintes linhas:

A mensagem final do Livro do Apocalipse pode resumir-se na frase: “não tenhais medo, pois a vossa libertação está a chegar”. É uma mensagem “eterna”, que revigora a nossa fé, que renova a nossa esperança e que fortalece a nossa capacidade de enfrentar a injustiça, o egoísmo, o sofrimento e o pecado. Diante deste “cordeiro” vencedor, que nos trouxe a libertação, os cristãos vêem renovada a sua confiança nesse Deus salvador e libertador em quem acreditam.

Esta “liturgia” celebra Cristo, aquele que venceu a morte, que ressuscitou, que nos apresentou o plano libertador de Deus em nosso favor e que, hoje, continua a dar sentido aos nossos dramas e aos nossos sofrimentos, a iluminar a história humana com a luz de Deus. Ele é, de facto (como esta liturgia no-lo apresenta), o centro, a referência fundamental à volta do qual tudo se constrói? Temos consciência desta centralidade de Cristo na nossa experiência de fé? Manifestamos a nossa gratidão, unindo a nossa voz ao louvor da criação inteira? *in Dehonianos*

DOMINGO IV da Páscoa – 08.05.2022

LEITURA I – Act 13,14.43-52

A partir do capítulo 13, os “Actos dos Apóstolos” apresentam o “caminho” da Igreja no mundo greco-romano. O protagonista humano desta nova etapa será Paulo (embora sempre animado e conduzido pelo Espírito do Senhor ressuscitado).

Tudo começa quando a comunidade cristã de Antioquia da Síria, ansiosa por fazer a Boa Nova de Jesus chegar a todos os povos, envia Barnabé e Paulo a evangelizar. Entre 13,1 e 15,35, o autor dos “Actos” descreve o “envio” dos missionários, a viagem, a evangelização de Chipre e da Ásia Menor (Perga, Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra, Derbe) e os problemas colocados à jovem Igreja pela entrada maciça de gentios. Este texto, em concreto, situa-nos na cidade de Antioquia da Pisídia, no interior da Ásia Menor. Nos versículos anteriores, o autor dos “Actos” pôs na boca de Paulo um longo discurso, que resume a catequese primitiva sobre Jesus e que enquadra no plano de Deus a proposta de salvação que Jesus veio trazer (cf. Act 13,16-41). Qual será a resposta ao anúncio, quer por parte dos judeus, quer por parte dos pagãos que escutaram a mensagem? *in Dehonianos*

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura dos Atos dos Apóstolos ///
Atenção às pausas!	
Ler o <i>itálico</i> em tom diferente. Ler bem PÉR-GA; AN-TI-O-QUÍ-A; PI-SÍ-DI-A (o s lê-se Z).	<i>Naqueles dias, /</i> Paulo e Barnabé seguiram de Perga até Antioquia da Pisídia . //
Ler o <u>sublinhado</u> em tom diferente.	<u>A um sábado</u> , entraram na sinagoga e sentaram-se. // Terminada a reunião da sinagoga, / muitos judeus e prosélitos piedosos / seguiram Paulo e Barnabé, / <i>que nas suas conversas com eles /</i> os exortavam a perseverar na graça de Deus. ///
Ler bem o negrito (PRO-SÉ-LI-TOS, o S lê-se Z).	<i>No sábado seguinte, /</i> reuniu-se quase toda a cidade para ouvir a palavra do Senhor. //
Ler o <i>itálico</i> em tom diferente (frase secundária).	<u>Ao verem a multidão</u> , os judeus encheram-se de inveja / e responderam com blasfémias. //
Ler o <i>itálico</i> em tom diferente.	<i>Corajosamente</i> , Paulo e Barnabé declararam: // «Era a vós que devia ser anunciada primeiro a palavra de Deus. //
Valorizar ligeiramente o <u>sublinhado</u> .	Uma vez, <u>porém</u> , que a rejeitais / e não vos julgais dignos da vida eterna, / voltamo-nos para os gentios, // pois assim nos mandou o Senhor: //
Valorizar o negrito .	‘Fiz de ti a luz das nações, para lebares a salvação até aos confins da terra’ ». ///
Ler o <i>itálico</i> em tom diferente.	<i>Ao ouvirem estas palavras, /</i> os gentios encheram-se de alegria / e glorificavam a palavra do Senhor. / Todos os que estavam destinados à vida eterna /

Ler o <u>sublinhado</u> em tom diferente, valorizando o MAS. Ler expressivamente o <i>itálico</i> .	abraçaram a fé / e a palavra do Senhor divulgava-se por toda a região. /// <u>Mas os judeus,</u> / <i>instigando algumas senhoras piedosas mais distintas /</i> <i>e os homens principais da cidade, /</i> desencadearam uma perseguição contra Paulo e Barnabé / e expulsaram-nos do seu território. //
Ler bem o <u>sublinhado</u> . Lê-se I-CÓ-NI-O.	Estes, <u>sacudindo contra eles o pó dos seus pés,</u> / seguiram para Icónio . //
Ler o <i>itálico</i> em tom diferente. Valorizar o negrito .	<i>Entretanto, os discípulos</i> estavam cheios de alegria e do Espírito Santo. ///
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor

A reflexão e a actualização da Palavra podem partir das seguintes linhas:

Os judeus de que se fala nesta leitura representam aqueles que se acomodaram a uma religião “morninha”, segura, feita de hábitos, de leis, de devoções, de ritos externos, de fórmulas fixas, mas que não põe verdadeiramente em causa o coração e a consciência, nem tem um impacto real na vida de todos os dias. É a religião dos “certinhos” e acomodados, dos que têm medo da novidade de Deus (que mexe com os esquemas feitos e, constantemente, põe tudo em causa, obriga a arriscar e a converter-se).

Os pagãos de que se fala nesta leitura representam aqueles que, tendo tantas vezes uma história pessoal complicada e uma caminhada de fé nem sempre exemplar, estão abertos à novidade de Deus e se deixam questionar por Ele. Eles não têm medo de se desinstalar, de arriscar partir para uma vida nova e mais exigente, de procurar novos caminhos, de seguir Jesus no seu percurso de amor e de entrega – ainda que seja um caminho de cruz e de perseguição.

Onde é que eu me situo? Na atitude de quem nasceu cristão sem ter feito muito para isso e que vive a sua religião sem riscos, sem exigências de radicalidade e de autenticidade, ou na atitude de quem se deixa continuamente desafiar, se deixa questionar por Deus, aceita viver numa dinâmica contínua de conversão e sente que a sua caminhada em direcção à vida nova nunca está acabada? *in Dehonianos*

DOMINGO IV da Páscoa – 08.05.2022

LEITURA II – Ap 7,9.14b-17

A liturgia do passado domingo apresentava-nos “o cordeiro” (Jesus), o Senhor da história, que Se preparava para abrir e ler o livro dos sete selos – o livro onde, simbolicamente, estava escrita a história humana. De acordo com o autor do “Apocalipse”, a abertura dos selos desse livro vai expor a realidade do mundo: na caminhada histórica dos homens, está presente Cristo vitorioso continuamente em combate contra tudo o que escraviza e destrói o homem (1º selo – o cavaleiro branco); mas está também presente a guerra e o sangue (2º selo – o cavaleiro vermelho), a fome e a miséria (3º selo – o cavaleiro negro), a morte, a doença, a decomposição (4º selo – o cavaleiro esverdeado). No fundo deste quadro, jazem os mártires que sofrem perseguições por causa da sua fé e que, dia a dia, clamam a Deus por justiça (5º selo); por isso, prepara-se o “grande dia da ira”, que anuncia a intervenção de Deus na história para destruir o mal (6º selo). A revelação final apresenta o combate definitivo, em que as forças de Deus derrotarão as forças do mal (7º selo).

O texto de hoje situa-nos no contexto do 6º selo (o anúncio do “dia do Senhor”). Aos mártires que clamam por justiça, o autor do “Apocalipse” descreve o que vai resultar da intervenção de Deus: a libertação definitiva, a vida em plenitude. *in Dehonianos*

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura do Livro do Apocalipse ///
Tom solene! Cuidar da expressividade (sem exageros). Valorizar o negrito . Ler o <i>italico</i> em tom diferente.	Eu, João , vi uma multidão imensa, / que ninguém podia contar, / de todas as nações, tribos, povos e línguas. // Estavam de pé, <i>diante do trono e na presença do Cordeiro</i> , / vestidos com túnicas brancas e de palmas na mão. // Um dos Anciãos tomou a palavra para me dizer: // «Estes são os que vieram da grande tribulação, / os que lavaram as túnicas / e as branquearam no sangue do Cordeiro. // Por isso estão diante do trono de Deus, / servindo-O dia e noite no seu templo. // Aquele que está sentado no trono / abrigá-los-á na sua tenda. // Nunca mais terão fome nem sede, / nem o sol ou o vento ardente cairão sobre eles. // O Cordeiro, que está no meio do trono, será o seu pastor / e os conduzirá às fontes da água viva. // E Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos». ///
Valorizar o negrito – ideia-chave.	
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor

A reflexão pode fazer-se a partir dos seguintes elementos:

Em cada dia que passamos neste mundo, fazemos a experiência da alegria e da esperança, mas também da dor, da incompreensão, do medo, do sofrimento, do desespero... Com frequência, é o pessimismo que nos

agarra, que nos limita, que nos escraviza e que nos impede de saborear o dom da vida. O autor do “Apocalipse” deixa-nos uma mensagem de esperança e diz-nos que não estamos condenados ao fracasso, mas sim à vida plena, à libertação definitiva, à felicidade total.

O que é preciso para aí chegar? Apenas acolher o dom da salvação que nos é feito pelo nosso Deus. Se aceitarmos a proposta de Jesus e seguirmos atrás d'Ele no caminho do amor, da entrega, do dom da vida, se virmos n'Ele o pastor que nos conduz às fontes de água viva, chegaremos indubitavelmente à vida definitiva, à comunhão com Deus, à felicidade plena.

A resposta positiva à oferta de salvação que Deus nos faz introduz em nós um novo dinamismo; esse dinamismo fortalece a nossa coragem e permite-nos continuar a lutar, desde já, pela concretização do novo céu e da nova terra. *in Dehonianos*

ORAÇÃO FINAL

Jesus Ressuscitou. Aleluia! Aleluia!

Que todos se deliciem no banquete da fé e
recebam todas as riquezas próprias da bondade.
Que ninguém se queixe da sua pobreza,
pois o Reino apareceu para todos.
Que ninguém chore as suas faltas,
porque do túmulo resplandeceu o perdão.
Que ninguém tema a morte,
pois deixando-se morrer por amor a todos, o Senhor libertou-nos a todos.
A terra tomou posse de um corpo
e esse corpo encontrou-se diante de Deus.
Tomou posse da terra e encontrou o Céu.
Tomou posse do visível e chocou com o invisível.
Ó Morte, onde está o teu aguilhão?
Ó Morte, onde está a tua vitória?
Cristo Ressuscitou e tu foste vencida.
Cristo ressuscitou e os demónios sucumbiram.
Cristo ressuscitou e os Anjos alegraram-se.
Cristo ressuscitou e triunfa a vida.
Cristo ressuscitou e nos túmulos já não há mais mortos.
Porque Cristo, ao ressuscitar dos mortos,
tornou-se a primícia dos que estavam adormecidos.
A Ele a glória, o poder,
pelos séculos dos séculos.

Ámem

Palavras de São João Crisóstomo, com adaptações.

João Crisóstomo (Antioquia, c. 347 - Comana Pôntica, 14 de setembro de 407). Foi um dos arcebispos de Constantinopla